OBSERVATÓRIO CONTRA A FRAUDE

Um sonho

No meu sonho, o Estado é corajoso. Os políticos não dobram os joelhos perante os poderosos e a justiça é igual para ricos e pobres

João Pedro Martins

Quando as 12 badaladas assinalaram mais uma passagem de ano, milhões de pessoas em todo o mundo acreditaram que o novo ano seria melhor que o anterior. Mas no dia seguinte, depois de acordar e regressar à normalidade, poucos se lembraram das promessas não cumpridas para mudar comportamentos sociais.

Desde que entrámos em 2013, sempre que adormeço e até ao último segundo antes de despertar, há um sonho que se repete e que me enche de esperança.

No meu sonho, o Estado é corajoso. Os políticos não dobram os joelhos perante os poderosos e a justiça é igual para ricos e pobres.

No meu sonho não há governantes a comprar licenciaturas com o mesmo à vontade com que se paga um café. Não há eleitores cobardes que se vendem por um microondas e por promoções mercenárias, nem munícipes hipnotizados por Valentins e Isaltinos.

No meu sonho há um país onde defraudar o próximo ainda é violar um mandamento bíblico. O Estado não deixa prescrever as dívidas fiscais dos poderosos nem rouba os carros e as casas dos contribuintes honestos que perderam os empregos e não podem pagar impostos imorais.

No meu sonho, a justiça não é cega e não há directores regionais dos Assuntos Fiscais em funções depois de acusados pelo Ministério Público da prática de crimes de evasão fiscal. Neste país em que gosto de viver depois de adormecer, os crimes de colarinho branco não são branqueados pelos melhores escritórios de advogados. Os criminosos coram de vergonha sempre que se cruzam com a sombra de um contribuinte que paga os seus impostos.

No meu sonho, a ética e as pessoas são mais importantes que o dinheiro. Por isso o Estado não se amedronta com os mercados financeiros nem aplica medidas de austeridade extrema que sufocam as famílias e as pequenas empresas. Neste país maravilhoso não se oferecem benefícios fiscais e posições de monopólio às multinacionais. Nem há lugar para um Estado desmotivado e sem coragem para investir em serviços públicos de qualidade, na criação de empregos para os jovens e na garantia dos cuidados de saúde para os idosos. Neste país ninguém é convidado a emigrar.

No meu sonho há um Presidente da República que não deixa que se apague a chama de esperança para os desempregados e existe um primeiro-ministro que não se cansa de apostar na educação pública de excelência como contraprestação dos impostos pagos pelos contribuintes. Nesta democracia que mata as insónias há uma oposição política que não se limita a criticar, mas que procura soluções e discute propostas para o bem-estar de todos.

No meu sonho, a corrupção e a fraude são coisas do passado porque as leis não são feitas pelas minorias, nem para lóbis obscuros. Não existe uma zona franca da Madeira nem piratas fiscais que fumam charutos pagos pela exploração do trabalho dos pobres.

Nunca tenho dúvidas de que um dia o meu sonho se vai tornar realidade. A única dúvida que me persegue depois de acordar é saber se Portugal pode ser o país do meu sonho.

Temo que não!

Sonhar com uma pátria mais justa JOSÉ COELHO/LUSA

QUASE PORTUGAL

MIGUEL ROMÃO

Um exemplo chamado António Marques Júnior

Para a Filipa

"Todos os que tiveram o privilégio de o conhecer irão guardar dele a memória de um homem bom e digno, um português de princípios que amava a sua pátria e que serviu Portugal de forma exemplar", escreveu o Presidente da República na partida súbita de Marques Júnior. As palavras não são excessivas nem de circunstância. A discrição, o sentido de dever e a entrega à causa pública de António Marques Júnior, apreciados por quem o conhecia – e eu apenas o conheci mal, mas mais que o suficiente para o respeitar e admirar –, podem servir de exemplo a todos os que pensam numa carreira pública no século XXI. Porque o coronel Marques Júnior fez mais do que hoje poderemos aspirar a fazer e fê-lo sem alarde, com empenho e gosto, com verdade. Num momento em que muita da actividade política parece mais que nunca plástica e vazia, feita para sound bites televisivos de 10 segundos e modelada pelo tráfico de conveniências pessoais, a presença deste militar e político português era, em contraste, um garante de seriedade, prudência e respeito pelo serviço público.

A sua morte priva-nos da sua presença, mas não nos deve privar do seu exemplo. Homens como Marques Júnior, em Abril de 1974, fizeram o impossível – quantos de nós o poderemos dizer no fim da nossa vida? No parlamento, foi uma presença respeitada e apreciada. Não pela ambição ou pela cegueira de poder, porque à sua volta apenas via homens e mulheres, não lacaios ou ameaças. Deixa um legado de luta por Portugal, de luta pela liberdade e de luta pela decência pública. E fará muita falta, aos próximos e aos que nunca o conheceram. Que sirva também a sua vida para levantar o respeito devido a quem oferece o melhor de si a este país e que o despeito, a inveja e o desespero que temos sempre dentro de nós, prontos a acoimar qualquer homem político, se apazigúem perante a leal intransigência e a tranquila dignidade de quem serviu Portugal.

Docente universitário, escreve à sexta-feira